

## O FLERTE COM RONALDO CAIADO

“Quando a campanha ainda estava começando, em julho de 1994, o Sérgio Motta queria que Fernando Henrique fosse ao comício do Caiado em Goiás (*Ronaldo Caiado, líder da UDR, entidade ruralista de extrema direita*). O argumento utilizado era que Caiado estava liderando as pesquisas para o governo de Goiás, e a presença de Fernando Henrique lá daria prestígio para ele. Na reunião do comitê político, nos posicionamos contra, e ficou decidido que Fernando Henrique não iria. Apesar do Caiado liderar nas pesquisas naquele momento, a impressão geral era de que o candidato do Íris Rezende — Maguito Vilela (PMDB) — iria crescer muito. A restrição à ida de Fernando Henrique lá, precipitadamente, era em função das posições do Caiado, que era muito radical. Mas na semana seguinte, soube que o presidente Fernando Henrique iria a Goiás. Fui conversar com o presidente. Quando perguntei se a notícia era verdadeira, Fernando Henrique me respondeu evasivo: — Estão querendo que eu vá. — Mas você vai ou não vai? — É, ficou marcado para ir. — Mas o comitê teve uma definição contrária. Houve alguma outra reunião? — Não, não houve, mas a pressão está muito grande para eu ir lá, e marcaram.

O presidente colocou a questão como sendo uma coisa do Sérgio Motta. Cheguei a falar para o presidente que se ele fosse para o comício eu sairia da coordenação de sua campanha. Fernando Henrique acabou não indo.

“O Sérgio Motta tinha lá os seus negócios e seus interesses políticos. Mas ir para o comício do Caiado era demais até para mim. O fato do presidente aderir tão rapidamente à idéia de ir a Goiás me deixou perplexo. Foi a primeira atitude gritante do Fernando, porque até então eu imaginava uma outra conduta política dele.”

## ATRITOS COM SÉRGIO MOTTA

“Resolvi ajudar, mas com a condição de que eu mesmo faria todas as contratações e a liberação de dinheiro. Se você delega numa campanha funções para quatro ou cinco pessoas, você acaba sendo roubado. Por isso, deleguei essa função para o Emerson Palmieri, um assessor meu de confiança. Chegou-se a pedir alguns milhões de reais para pôr a campanha nas ruas. Mas aí disse que poderia fazer a mesma coisa com muito menos dinheiro. Como eu entendo bem disso, a minha recomendação ao Emerson foi no sentido de que o Sérgio Motta deveria dizer o que queria e o próprio Emerson faria as contratações. E isso acabou provocando alguns atritos com o Sérgio Motta. De vez em quando eu ouvia uns chiados e uns ruídos. Às vezes o Emerson vinha me pedir orientação na contratação de coisas que estavam superestimadas e que o Sérgio queria fazer de qualquer jeito. Mas o Emerson entendia que se fizesse de outra forma

André Corrêa 26.10.97



O então candidato Fernando Henrique e Sérgio Motta durante a campanha de 1994: o futuro ministro das Comunicações teve atritos com o senador, que administrou o dinheiro arrecadado

o serviço sairia mais barato. Em outras ocasiões, o Sérgio queria gastar dinheiro com algumas coisas que o Emerson não achava necessário. Na verdade o Sérgio Motta queria contratar ele mesmo. Então eu disse: “Campanha vai ter, mas existem regras”. Afinal, eu não ia assumir um compromisso ilimitado. Isso porque tem muita campanha em que se gasta duas ou três vezes e até 10 vezes mais do que o necessário. Prova disso é que durante a campanha do Fernando ocorreram casos de pessoas que foram afastadas pelo próprio Sérgio Motta, por desconfiar de que estivessem abusando.

“A minha contribuição com a campanha de Fernando Henrique foi de R\$ 800 mil, como está declarado no Tribunal Superior Eleitoral. Mas acho que R\$ 800 mil não dá para colocar uma campanha presidencial na rua. É muito pouco. Oficialmente foram arrecadados R\$ 33,6 milhões durante toda a campanha. Mas tem muita gente que diz que foi mais. O que eu sei é que existem muitas pessoas que oferecem dinheiro, mas não querem recibo. E imagino que não se recusa dinheiro. Mesmo assim, R\$ 33,6 milhões é muito dinheiro. Tanto, que sobrou. Ao final da campanha o PSDB ficou rico.”

## A ESCOLHA DE TEOTÔNIO VILELA

Dois meses depois que eu assumi o Ministério da Agricultura,

(início do governo de Fernando Henrique, em 1995) a Rose de Freitas (ex-deputada federal do PSDB-ES), muito amiga do Fernando Henrique, me procurou a pedido do Fernando, para que eu convencesse o José Richa a aceitar a presidência do PSDB. Isso porque o cargo estava sendo disputado pelo Arthur Virgílio (PSDB-AM) e o presidente não queria ele de jeito nenhum. Naquele tempo, o Arthur era considerado muito radical. Os pronunciamentos dele eram sempre muito contundentes. Então o palácio ficou com medo de que ele, assumindo a presidência do PSDB, criasse muitos problemas. Falei com o Richa e ele não aceitou. Então a Rose ficou muito aborrecida e sem alternativa. Foi aí que eu sugeri: “Vocês têm uma pessoa excelente. Um nome nacional, que é o Teotônio Vilela (*senador do PSDB/AL*), que se relaciona bem com o presidente”. Ela gostou da idéia, mas pediu para falar com o presidente. Então liguei para Fernando, ele me atendeu na hora — naquele tempo eu tinha algum prestígio — e dei a sugestão. — O Teotônio é um excelente nome. Mas você fala com ele — disse o presidente. — Mas eu nem sou do PSDB, sou do PTB, respondi. — Mas você se dá bem com ele. Acabei ligando para o Teotônio, que aceitou.”

Fernando Henrique não iria cuidar desse tipo de assunto pessoalmente. Mandava um intermediário.

## O BAMERINDUS E O MINISTÉRIO

“Não fui eu quem pediu para sair do Ministério da Agricultura. Mas sim eles que me pediram. No final de abril de 1996, naquela boataria que o Bamerindus sofria, eu recebi a visita aqui em casa do ministro Pedro Malan (Fazenda). Ele me disse: ‘A situação do seu banco está se agravando. Para que nós possamos dar algum tipo de apoio, você terá que deixar o governo, para que não haja denúncias da existência de qualquer tipo de favorecimento, ou coisas desse tipo’. É evidente que o ministro Malan jamais falaria comigo esse assunto se não fosse a mando do presidente. Deixei o ministério e depois só me enrolaram e empurraram com a barriga. Havia soluções fáceis, já que o Bamerindus era credor dos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, e de Rondônia. O governo estava negociando um acordo, que acabou sendo fechado, mas até hoje não foi liberado o dinheiro. Se isso tivesse sido feito na época não era favor nenhum. O governo simplesmente estaria pagando uma conta que devia. Em 1995, o Bamerindus deu 100 milhões de dólares em lucro. Mas em 1996, com a boataria, o banco foi perdendo os seus clientes, perdeu metade dos seus depósitos ou mais, e isso passou a gerar um prejuízo enorme.”

“Não sei se o Banco Central está tramando outra maracutaia. Isso porque querem vender os créditos do Bamerindus, em leilão,

com deságio. E nos créditos do Bamerindus existe este que é líquido e certo.”

## EFEITOS DA BOATARIA

“O Banco Central espalhava a boataria de que o Bamerindus estava quebrando. Certa vez, eu levei para o presidente um calhamaço de notícias dos jornais. Falei: “Estão aqui os fatos. Você fala que o Bamerindus é um banco sério e que tem condições de se recuperar. Mas no dia seguinte sai uma matéria no jornal onde o Banco Central diz o contrário”. O presidente achou um absurdo e ficou de falar com o Banco Central. Isso acabou me prejudicando ainda mais, porque ele mandou aqueles papéis para o Banco Central dizendo que eu tinha encaminhado para ele. O Gustavo Loyola (ex-presidente do BC) e a diretoria do Banco Central ficaram com mais raiva de mim. Loyola chegou a reclamar comigo: — Não precisava falar com o presidente. — Precisava, porque já falei as coisas para você, mas você não toma providências.

“Eles alegavam sempre que eram pessoas de terceiro ou quarto escalão e assessores que soltavam os boatos. Por isso não podiam fazer nada. Mas como eles negociaram com o HSBC a compra do Bamerindus durante um ano e nunca saiu notícia alguma e muito menos boato sobre o assunto? O Banco Central é uma caixa preta.”

## INTERVENÇÃO E CHORO CONTIDO

“No dia da intervenção do Bamerindus — 30 de março de 1997 — eu fiquei tão perplexo que fui lá no Palácio do Planalto mostrar a minha perplexidade. O Fernando preparou um *mise-en-scène* para me receber. Convocou alguns íntimos para estar junto dele: o Serra (*José Serra, ministro da Saúde*), o Sérgio Motta, o Clóvis (*Carvalho, ministro da Casa Civil*). Eu estava muito chocado. Talvez não deveria nem ter ido. Mas queria saber o que ele tinha para me dizer. O presidente então me falou: “Lamento o que aconteceu. Infelizmente não pude fazer nada”. Com ele não chorei. Não sou homem de chorar nessas ocasiões. Posso chorar sozinho, depois. Fiquei sabendo mais tarde que o presidente havia assinado quinze dias antes da intervenção uma medida provisória ampliando os poderes do Banco Central para que pudesse intervir em empresas não financeiras nossas. Com isso eu perdi praticamente tudo. Por que só eu mereci essa distinção, já que com o Econômico e o Nacional não aconteceu isso?”

“O Excel foi vendido recentemente por 500 milhões de dólares. O Garantia, estão falando em 1 bilhão. O Banco Noroeste foi vendido por 500 milhões. Todos bancos menores do que o meu. Já o Bamerindus foi vendido por 300 milhões para pagar em sete anos. Que negócio foi esse? Foi é negociata.”